

Este material foi testado com as seguintes questões de acessibilidade:

- PDF lido por meio do software *NVDA* (leitor de tela para cegos e pessoas com baixa visão);
- Guia da *British Dyslexia Association* para criar o conteúdo seguindo padrões como escolha da fonte, tamanho e entrelinha, bem como o estilo de parágrafo e cor;
- As questões cromáticas testadas no site *CONTRAST CHECKER* (<https://contrastchecker.com/>) para contraste com fontes abaixo e acima de 18pts, para luminosidade e compatibilidade de cor junto a cor de fundo e teste de legibilidade para pessoas daltônicas.

Literaturas de Mulheres: Tecendo Leitores/Leitoras e Escritores/Escritoras

Women's Literatures: Weaving Readers and Writers

Literaturas De Mujeres: Tejiendo Lectores / Lectores y
Escritores / Escritoras



Edimara Ferreira Santos

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Marabá, Pará,
Brasil

edimara@unifesspa.edu.br



Simone Cristina Mendonça

Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), Marabá, Pará,
Brasil

simonecm@unifesspa.edu.br



Michele Freitas Gomes de Vargas

Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA), Marabá
Industrial, Pará, Brasil

fgvmichele@gmail.com

Resumo: Este artigo visa socializar resultados de propostas de leitura e escrita do projeto de extensão “Exercícios de leitura e escrita a partir de contos e crônicas de escritoras brasileiras” desenvolvido na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) em parceria com o Instituto Federal do Pará/Campus Industrial Marabá (IFPA). Para as oficinas, selecionamos contos e crônicas de autoras brasileiras, com objetivo de incentivar a reflexão, a leitura e a escrita sobre os diversos temas que envolvem a escrita feminina. No corpo do artigo, socializaremos os resultados das oficinas em que trabalhamos a crônica “Companheiras”, da escritora paraense Eneida de Moraes (1903-1971). Tais resultados revelaram a importância da leitura interpretativa, que contemplou as etapas do letramento literário. Com

relação à escrita, observamos que as produções textuais apontaram para a escrita criativa, como elemento importante para incentivar os extensionistas a perceber o funcionamento dos seus textos, a partir da (re)escrita, de suas experiências individuais e coletivas. Utilizamos Cosson (2018), Ribeiro (2017), Tauveron (2014) e outros.

Palavras-chave: Letramento literário. Literaturas de mulheres. Crônica.

Abstract: This article aims to socialize the results of reading and writing proposals of the extension project "Reading and writing exercises based on short stories and chronicles by Brazilian women writers". For the workshops, we selected short stories and chronicles by Brazilian women authors, with the aim of encouraging reflection, reading and writing on the various themes that involve women's writing. In the article, we will share the results of the workshops in which we worked on the chronicle "Companheiras", by the writer from Pará Eneida de Moraes (1903-1971). These results revealed the importance of interpretive reading, which included the stages of literary literacy. With regard to writing, we observed that textual productions pointed to creative writing as an important element to encourage students to understand the functioning of their texts, based on (re)writing, on their individual and collective experiences. We used Cosson (2018), Ribeiro (2017), Tauveron (2014) and others.

Key Words: Literary literacy. Women's Literatures. Chronicle.

Resumen: Este artículo tiene como objetivo socializar los resultados de las propuestas de lectura y escritura del proyecto de extensión "Ejercicios de lectura y escritura a partir de cuentos y crónicas de escritores brasileños" desarrollado en Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa) y Instituto Federal do Pará/Campus Industrial Marabá (IFPA). Para los talleres, seleccionamos cuentos y crónicas de autores brasileños, con el objetivo de fomentar la reflexión, la lectura y la escritura sobre los diversos temas que involucran la escritura de mujeres. En el artículo, compartiremos los resultados de los talleres en los que leemos la crónica "Companheiras", de la escritora de Pará, Eneida de Moraes (1903-1971). Estos resultados revelaron la importancia de la lectura interpretativa, que

incluyó las etapas de letramiento literario. Con respecto a la escritura, observamos que las producciones textuales apuntan a la escritura creativa como un elemento importante para incentivar a los extensionistas a comprender el funcionamiento de sus textos, a partir de la (re) escritura, a partir de sus vivencias individuales y colectivas. Usamos Cosson (2018), Ribeiro (2017), Tauveron (2014) y otros.

Palabras Clave: Letramiento literario. Literaturas de mujeres. Crónica.

Data de submissão: 01/06/2021

Data de aprovação: 23/08/2021

Introdução

O projeto de extensão intitulado “Exercícios de leitura e escrita a partir de contos e crônicas de escritoras brasileiras” foi desenvolvido na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (Unifesspa), em parceria com o Instituto Federal do Pará/Campus Industrial de Marabá (IFPA), ao longo do ano de 2019. A elaboração do projeto para submissão de aprovação nas instituições partiu de algumas provocações e questionamentos, tais como: Como, nós, professores, estamos fazendo/construindo o diálogo entre a universidade e a comunidade externa? Quais são as estratégias desenvolvidas para aproximar a universidade da comunidade externa? Que temáticas poderíamos trabalhar com relação à leitura e à escrita com o público externo, sendo que somos professores de Língua Portuguesa/Literatura? Quais são os temas de nossas pesquisas que poderiam se aproximar para realizarmos este diálogo?

Diante das questões e da necessidade de discutir tal temática, começamos a organizar a estrutura do projeto de extensão. O projeto foi desenvolvido com cinquenta (50) participantes, divididos em duas turmas com vinte e cinco (25) extensionistas cada, sendo alunas e alunos do IFPA e discentes do curso da Educação do Campo.

É importante ressaltar que partimos do debate do “lugar de fala” da mulher na literatura brasileira, emprestando o conceito cunhado por Ribeiro (2017) ao afirmar que “todas as pessoas possuem lugares de fala, pois estamos falando de localização social. E, a partir disso, é possível debater e refletir criticamente sobre os mais

variados temas presentes na sociedade” (RIBEIRO, 2017, p. 88). Desse modo, escolhemos as escritoras brasileiras, que lutaram e conquistaram os seus espaços nos campos político, econômico, filosófico, literário e acadêmico. Também intentamos demonstrar para os participantes que hoje estamos lendo/entendendo/escrevendo a partir de autoras brasileiras porque houve outras mulheres que, ao longo da história, construíram espaços/lugares de fala, de escuta e de escrita na sociedade brasileira.

Além disso, observamos que o apagamento de escritoras brasileiras do século XIX e/ou a falta de visibilidade de literaturas de mulheres dos séculos XX e XXI ocorrem, também, nos ensinamentos fundamental e médio. Esse reflexo do “memoricídio” de escritas de mulheres na escola e, conseqüentemente, nas práticas pedagógicas dos professores e professoras traz implicações da construção da Historiografia Literária Brasileira, realizada majoritariamente por homens brancos, da elite brasileira e de pensamento eurocêntrico (COUTINHO, 2010).

Desse modo, quando pensamos na pequena presença de escritas de mulheres nos livros didáticos, visualizamos nitidamente os nomes de escritoras brancas consagradas pelo cânone literário brasileiro, como Raquel de Queiroz (1910-2003) Cecília Meireles (1901-1964), Clarice Lispector (1920-1977), Lygia Fagundes Telles (1923-), Nélida Piñon (1937-). No entanto, ao observarmos o lugar das escritoras negras nas linhas desses livros, por exemplo, há o número mínimo ou quase invisível.

Nomes como de Ruth Guimarães (1920-2014), Aline França (1948), Marilene Felino (1957) não são ainda conhecidos do grande público, assim como Maria Firmina

dos Reis (1822- 1917), Carolina Maria de Jesus (1914-1977) Conceição Evaristo (1946), Ana Maria Gonçalves (1970) e escritoras indígenas como Eliane Potiguara (1950), Márcia Kambeba (1972), entre tantos outros nomes que nem fazem parte do currículo escolar básico brasileiro.

Em suas experiências pedagógicas de valorização e inserção das escritas de mulheres nos currículos das escolas periféricas de Belo Horizonte, Tolentino (2018) apresenta a assertiva:

Assim como o racismo, o machismo, o sexismo e a LGBTfobia permeiam as relações e as atividades escolares. Desse modo, apresento vivências, avanços e desafios no que tange à implementação de práticas feministas, que fortaleçam as meninas e proporcionem aos meninos uma educação não violenta, comprometida com a equidade de gênero. Parto do princípio de que os modelos de comportamentos difundidos em nossa sociedade castram as potencialidades do sexo feminino e desumanizam o masculino, sendo assim, cabe à escola colaborar para a construção de novos padrões de feminilidade e de masculinidade (TOLENTINO, 2018, p. 20).

Nesse sentido, o que a pesquisadora mineira nos revela a partir de suas experiências é que os currículos e as práticas pedagógicas nos ensinos fundamental e médio necessitam de propostas diferenciadas, reflexivas e problematizadoras diante da valorização e dos diálogos com os conhecimentos que crianças e jovens trazem do convívio diário com seus familiares em suas casas, com os colegas e vizinhos nos seus bairros e das experiências nas suas comunidades.

Por isso, o processo de construção deste lugar de fala das mulheres na literatura perpassa, também, através da escrita de contos e crônicas dos mais variados temas, o que nos levou a escolhermos estes gêneros literários para as

nossas oficinas, pois o público alvo inscrito foi de alunos do ensino médio profissionalizante e de professoras da educação básica.

Para este artigo, iremos socializar as atividades realizadas a partir da leitura e da escrita da crônica “Companheiras”, da escritora paraense Eneida de Moraes (1903-1971), texto que norteou a terceira oficina. Além disso, abordaremos o conceito de Letramento literário como uma possibilidade metodológica de encaminhamentos das ações de leitura e escrita, bem como teceremos considerações sobre as produções dos participantes da oficina a partir do texto literário em questão.

Na sequência, o texto está dividido da seguinte forma: na primeira seção, intitulada “Letramento Literário: um debate importante para construção de leitura e escrita a partir de contos e crônicas de escritoras brasileiras”, discorreremos sobre questões teóricas acerca dos letramentos, do papel da escola no processo de letramento dos alunos e do letramento literário. A seção seguinte, “Letramento Literário: uma possibilidade metodológica de leitura e escrita de textos literários de mulheres brasileiras”, apresenta dados biográficos sobre a autora brasileira e sua crônica escolhidas para uma das oficinas do projeto de extensão.

Em “A prática em pauta” - parte integrante da seção anteriormente descrita - apresentamos um detalhamento das atividades realizadas durante as oficinas componentes do projeto de extensão. As considerações sobre os textos dos extensionistas se encontram na mesma seção. Por fim, serão tecidas algumas considerações finais, retomando o conteúdo do artigo.

Letramento Literário: em Debate Importante para Construção de Leitura e Escrita a Partir de Contos e Crônicas de Escritoras Brasileiras

No debate inicial sobre letramento, relembramos, com Roxane Rojo (2009, p. 97), que no Brasil, o termo foi trazido por Mary Kato, em 1986, a partir da versão em Inglês, *literacy*. Rojo também nos traz Kleiman (1995), para quem o termo procurava distinguir alfabetização, de abordagem mais individual, e os usos sociais da escrita. E reforça:

[...] o termo *alfabetismo* tem um foco individual, bastante ditado pelas capacidades e competências (cognitivas e linguísticas) escolares e valorizadas de leitura e escrita (letramentos escolares e acadêmicos), numa perspectiva psicológica, enquanto o termo letramento busca recobrir os usos e práticas sociais de linguagem que envolvem a escrita de uma ou de outra maneira, sejam valorizados ou não valorizados, locais ou globais, recobrimo contextos sociais diversos (família, igreja, trabalho, mídias, escola, etc.), numa perspectiva sociológica, antropológica e sociocultural (ROJO, 2009, p. 98).

Dialogando com a autora no que tange aos letramentos valorizados ou não pelas escolas, estudos contemporâneos, como os de Zappone (2008; 2013), dedicam-se ao ensino de literatura no contexto escolar, verificando a existência de situações que precisam ser superadas, a partir da maior valorização das leituras literárias feitas pelos alunos. Para a autora, a leitura literária na escola muitas vezes está bem distante do deleite e da apreciação, pois é regida por normas: “reconhecimento do gênero, do estilo, informações sobre o autor, sobre o contexto, etc.” (ZAPPONE; YAMAKAWA, 2013, p. 187). De acordo com seus estudos, há, então, dois letramentos: o social e o da escola, que “acaba

sendo um espaço de exclusão e apagamento de outras formas de letramento” (idem).

Do ponto de vista dos aspectos do letramento social, Street (2014) destaca que existem outras formas de propagar letramentos que estão ao lado das versões dominantes escolarizadas e, às vezes, quase sempre, são colocadas como inferiores em detrimento dos letramentos que estão nas instituições. Street (2014) afirma, ainda, que a concepção de letramento, associado à escolarização, está transformando a rica variedade de práticas letradas em uma prática única, já que a escola, estando separada de outros tempos e outros lugares, acaba por criar o que ele denominou de voz pedagógica.

O autor argumenta que “letrar-se” não é simplesmente adquirir conteúdo, mas aprender processos culturais e sociais, ou seja, “o letramento, portanto, não precisa ser associado com escolarização ou com pedagogia. [...] A questão não é qual o ‘impacto’ que o letramento tem sobre as pessoas, mas como as pessoas afetam o letramento” (STREET, 2014, p. 124-127).

Segundo Zappone (2008), práticas de letramento literário deveriam incluir diversas fontes de narrativas/textos ficcionais (escritos, orais, imagéticos), em diferentes mídias, nem sempre valorizadas pela escola, que, como vimos comentando, prioriza um único letramento. Em tal prática, pode-se indicar como um problema a forma de apropriação de sentido, uma vez que os textos não significam o mesmo para todos. Para a compreensão dos textos literários, tal como é cobrado pelas escolas, se faz necessário o conhecimento de normas que regem a produção ou a interpretação, tais como a apresentação do

contexto histórico, da biografia do autor, dos diferentes estilos, dos elementos como narrador, espaço, tempo, personagens, etc., conjunto amplo de informações que, a depender de como for trabalhado, pode distanciar o leitor do texto literário.

Considerando-se o curto espaço de tempo para nossas oficinas, utilizamos a sequência básica de Rildo Cosson (2018), pois cremos que tal sequência satisfaz alguns dos pré-requisitos acima, com os passos de motivação, introdução, leitura e interpretação. Assim, iniciamos nossos encontros com os extensionistas sempre com uma motivação, envolvendo imagens, pequenos textos escritos para leitura e exposição oral, respondendo a alguma provocação. A escolha das atividades de motivação foi feita acompanhando o que diz Cosson sobre a etapa: “Naturalmente, a motivação exerce uma influência sobre as expectativas do leitor, mas não tem o poder de determinar sua leitura” (COSSON, 2018, p. 56).

Letramento Literário: uma Possibilidade Metodológica de Leitura e Escrita de Textos Literários de Mulheres Brasileiras

Por questões de delimitação do tema, a escrita deste artigo priorizou a análise da oficina realizada no projeto de extensão “Exercícios de leitura e escrita a partir de contos e crônicas de escritoras brasileiras” em que foi trabalhada a crônica “Companheiras”, de Eneida de Moraes. Acreditamos ser importante uma apresentação da autora, que nasceu em Belém do Pará, em 23 de outubro de 1903. Sua carreira

literária iniciou-se nos jornais e revistas de Belém, nos quais publicou suas primeiras crônicas e poemas. Nesse período, foi colaboradora de duas revistas literárias no Pará: *A Semana*, em 1920, em que publicou os poemas “Orvalhos do coração” (1925) e “Cartas perdidas” (1925); e a revista *Guajarina*, em 1921.

A autora vai morar no Rio de Janeiro, durante a década de 30, onde estreita relação de amizade com vários intelectuais da época, como Graciliano Ramos, Zélia Gattai, Jorge Amado, Carlos Drummond de Andrade e Manuel Bandeira. É perceptível, então, que outros encontros começaram a fazer parte da vida e da construção de nossa autora. Como nos mostra Zélia Gattai (2011):

Quem conheceu Eneida de Moraes, pelos idos de 1935, pode testemunhar sobre a moça paraense, bonita de morrer com seus olhos verdes contrastando com o tom bronzeado da pele, impetuosa e valente, que chegou ao Rio disposta a endireitar o mundo. *Eneida não fez por menos, engajou-se no partido que lhe pareceu o melhor, o que combinava com seus anseios, o ilegal e perseguido Partido Comunista*. Em 1935 foi presa como subversiva, mandada para a Casa de Correção do Rio de Janeiro, no pavilhão das mulheres, onde, pela mesma culpa, curtiam pena valentes patriotas como a dr. Nise da Silveira, Maria Werneck, Beatriz Bandeira, entre outras, que arriscavam a liberdade por um ideal que lhes parecia nobre.

[...]

Quando conheci Eneida, em 1952, ela era ainda uma mulher bonita, impetuosa, e já não militava no Partido, embora conservasse intactos seus princípios de esquerda (GATTAI, 2011, p. 118-119, grifos nossos).

Pelo olhar de Zélia Gattai, vemos Eneida como uma pessoa forte, impetuosa, de caráter decidido, “que dividia a humanidade em duas partes: beleza e ‘porcaria’; com Eneida era assim: ou oito ou oitenta” (GATTAI, 2011, p. 120). Essa imagem foi confirmada em outros encontros, por todos que fizeram parte de seu rol de amizade. A citação, com dados

biográficos sobre as concepções políticas e o consequente aprisionamento de Eneida de Moraes, também se faz importante pela relação estabelecida com a crônica trabalhada na oficina do projeto de extensão, cuja análise cremos ser necessária.

A crônica “Companheiras” faz parte da coletânea de crônicas inserida no livro intitulado **Aruanda**, de 1957. Apresenta como o cenário da narrativa a ala feminina da Casa de Detenção, Pavilhão dos Primários. Nesse espaço, a crônica tem como pano fundo vinte e cinco mulheres, portadoras de vinte e cinco histórias diferentes, “havia louras, negras, mulatas, de cabelos escuros e claros; de roupas caras e trajes modestos. Datilógrafas, médicas, domésticas, advogadas, mulheres intelectuais e operárias” (ENEIDA, 1957, p. 105-106). Apesar dessas sutis diferenças, todas compartilhavam o fato de serem presas políticas durante o regime autoritário da década de 1930.

“Durante o inverno a sala era tão úmida”, assim se inicia a crônica. O verbo “ser” utilizado no pretérito imperfeito para a descrição das condições ambientais de tempo desse encarceramento leva o leitor à conclusão apressada de que se trata apenas de uma narrativa linear construída a partir da memória da narradora-personagem desde sua prisão naquele lugar. Entretanto, apenas próximo ao final dessa crônica é que descobrimos ser um *flashback*, pois, do presente a narradora-personagem retorna ao passado por meio de suas reminiscências.

É então que somos apresentados a certa noção de “dever”. Conforme suas palavras, “recordando-a agora, cumpro um dever. Jamais esquecerei também as vinte e cinco mulheres da sala ora fria, ora quente, do Pavilhão dos

Primários” (ENEIDA, 1957, p. 112). Esta noção de dever nos serve como veículo capaz de nos conduzir à sobrevivência e à crônica “Companheiras”, e que admite duas acepções possíveis.

Na primeira, sobreviver é uma resposta e uma necessidade ao tempo do cárcere, seja frente aos perigos do isolamento de qualquer uma delas – no limite a loucura e o suicídio; seja diante da rotina da prisão que as abatia, aos interrogatórios e ao calor para o qual perdiam constantemente suas energias.

“Os dias – no inverno como no verão – se arrastavam pesados, longos, sem monotonia, pois nossa constante preocupação era inventar formas para que eles não fossem parecidos” (ENEIDA, 1957, p. 104). O tempo do cárcere é em si mesmo tortura, o enclausuramento impõe sua rotina, o que coloca às Companheiras a necessidade de quebrá-lo, ainda que isso signifique apenas caminhar para romper o silêncio – sentença de morte. Para além disso, na ala feminina do Pavilhão dos Primários, o papel da narradora-personagem e das demais mulheres foi o de se manterem vivas apesar do estado de enclausuramento, e o faziam através do compartilhamento de histórias, de lembranças, dos diálogos acerca do desejo de retornar à vida urbana, à terra natal e ao mundo. “Não podíamos perder a menor de nossas energias: deveríamos sobreviver” (ENEIDA, 1957, p. 108).

Na segunda acepção, sobrevivência se coloca como luta contra o esquecimento, pois é necessário sobreviver também ao tempo histórico, sentido ao qual somos apresentados ao final da crônica, após narrar a partida de Sabo e de Olga Benário do Pavilhão, entregues pelo governo

de Getúlio Vargas à Gestapo, de Hitler. Por isso, as experiências vividas pelas vinte e cinco mulheres presas políticas que lutaram pela sobrevivência na sala do Pavilhão dos Primários representam no decorrer da narrativa as múltiplas vozes que ligam a possibilidade dos fatos existentes da vida da narradora com as outras personagens.

A Prática em Pauta

O principal objetivo do projeto foi incentivar a leitura e a escrita dos extensionistas, a fim de proporcionar uma reflexão teoricamente fundamentada sobre o tema da escrita feminina sob a perspectiva do processo de construção do lugar de fala das mulheres escritoras brasileiras. Como objetivos específicos, pretendeu-se: realizar a leitura dos contos e das crônicas de autoras brasileiras; incentivar aos envolvidos nas oficinas para que produzissem contos e crônicas; levar os participantes a refletir sobre as suas próprias produções textuais; levar os extensionistas, a partir das produções textuais, ao reconhecimento de suas próprias histórias de vida.

Para a realização de tais objetivos, foram delineadas propostas de leituras e (re)escritas de contos e crônicas de escritoras brasileiras com atividades desenvolvidas ao longo do ano de 2019 da seguinte maneira: 1- Apresentação do projeto e realização da primeira oficina, com a dinâmica intitulada “Qual é o seu destaque de personalidade feminina?”, em seguida com a leitura coletiva do conto “O caso de Ruth”, da escritora Júlia Lopes de Almeida; 2- Realização da segunda oficina, com a exibição do vídeo intitulado “Triste, Louco e Má”, após a exibição do qual

realizamos a leitura coletiva do conto “A moça Tecelã”, de Marina Colassanti; 3- Realização da terceira oficina, com a dinâmica intitulada “Corpo-memória” e a leitura da crônica “Companheiras”, de Eneida de Moraes; 4- Apresentação e leitura compartilhada da crônica “Os meninos do morro da lagartixa”, de Cidinha da Silva; 5- Organização da I Roda de Conversa intitulada “Formas breves: escrevendo as suas próprias histórias”, com a presença da escritora mineira Cidinha da Silva; 6- Apresentação da dinâmica com o questionamento “Se você tivesse um tapete voador o que colocaria nele?” e a leitura e o debate do conto “O Tapete Voador”, de Cristiane Sobral; 7- A organização da última oficina, com a produção dos fanzines, tendo como temática geradora “Mulher”; 08- Por fim, a realização da II Roda de Conversa intitulada “A voz da mulher negra na literatura”, com a escritora carioca Cristiane Sobral.

Para realizar tais encontros e atividades, nos pautamos em alguns procedimentos metodológicos que foram desde as leituras dos contos e crônicas e análises das produções textuais realizadas pelos extensionistas até rodas de conversas, exibição de vídeos e dinâmicas como suportes para o entendimento das estruturas, das estéticas e das temáticas inseridas nos contos e crônicas trabalhados ao longo do projeto.

Dessa forma, organizamos o projeto em oficinas a partir dos seguintes textos: para a primeira turma, que teve seu início em março e seu término em agosto de 2019, escolhemos os contos “O caso de Ruth”, de Júlia Lopes de Almeida; e “A moça Tecelã”, de Marina Colassanti; além das crônicas “Companheiras”, de Eneida de Moraes; e “Os meninos do morro da lagartixa”, de Cidinha da Silva. A

segunda turma teve início no 2º semestre de 2019, e os textos escolhidos foram: “O caso de Ruth”, de Júlia Lopes de Almeida; “O Tapete Voador”, de Cristiane Sobral; “Companheiras”, de Eneida de Moraes; “Não vou mais lavar os pratos”, de Cristiane Sobral, este último trabalhado pela própria autora na II Roda de Conversa. Na quarta oficina, a proposta foi a produção de fanzines a partir da temática “Mulher” e da produção de conto ou crônica.

É importante pontuar que a escolha de tais narrativas se justifica em razão dos objetivos do projeto, com especial destaque às atividades que favorecessem uma reflexão teoricamente fundamentada sobre o tema da escrita feminina. Acrescente-se a intenção de oportunizar, através da leitura de contos e crônicas das escritoras brasileiras, o reconhecimento dos participantes, das suas histórias de vida, das suas vivências, dos seus saberes construídos a partir do convite às leituras literárias desses gêneros, pois como afirma Petit (2013): “a leitura pode ajudar as pessoas a se construírem, a se descobrirem, a se tornarem um pouco mais autoras de suas vidas, sujeitos de seus destinos, mesmo quando se encontram em contextos sociais desfavorecidos” (p. 31). Outro objetivo foi divulgar obras de autoras brasileiras e a especificidade e as diferenças da produção literária feminina dos séculos XIX, XX e XXI. Além de incentivar os extensionistas a produzir seus próprios contos e suas próprias crônicas.

A seguir, faremos uma exposição dos passos metodológicos utilizados para o trabalho com a crônica “Companheiras”, a partir de uma sequência de leitura, denominada sequência básica, na linha teórica de letramento literário, conforme estabelecido pelo

pesquisador Cosson (2018). Assim, planejamos as oficinas de leitura e de escrita que contemplassem as etapas de motivação, de introdução ao tema, de leituras silenciosa e compartilhada, de comentários, de exposição de ideias dos participantes, de explicações que se fizerem necessárias sobre o gênero literário e, por fim, de proposta de uma atividade de produção textual.

No que diz respeito à motivação, no primeiro momento da oficina, apresentamos a *performance* intitulada “corpo-memória”, pois a ideia, neste momento, foi convidar os participantes a reconstruir, a partir de suas lembranças, elementos para responder duas provocações: 1- O que te prende? 2- O que te liberta? Após a apresentação e as respostas deles, fizemos a seguinte questão: O que os motivou a escolher aquelas respostas? Os mais diversos temas surgiram, tais como: um governo que criasse políticas públicas que resolvessem a falta de oportunidades de emprego e estudo; a maldade; a política ruim; tempo; não saber do dia de amanhã; cortes na educação; medo do acaso; ideologias; a incerteza; a esperança; a bondade e as lembranças. Consideramos que a compreensão de um texto acontece quando o leitor utiliza o seus conhecimentos prévios – dentre eles o conhecimento de mundo, ou enciclopédico – para construir sentidos (KLEIMAN, 2010, p.13).

Após a sensibilização ao tema a partir da *performance*, passamos à etapa denominada introdução, na qual distribuímos para o público a crônica “Companheiras” para o contato direto da escrita da Eneida, bem como contamos sem delongas sobre a sua história de vida. Em seguida, partimos para a Leitura: leitura compartilhada da crônica,

seguida de abertura para comentários dos participantes, buscando como eles imaginariam/fabulariam os lugares em que as 25 mulheres foram presas. Além disso, procuramos (re)construir os momentos de compreensão a partir da leitura da crônica “Companheiras”, sendo que os participantes contribuíram com suas perspectivas de leituras de mundo.

Por fim, realizamos a interpretação: O movimento de reconstruir, por escrito, utilizando-se da descrição, a sala da prisão do Pavilhão dos Primários onde as 25 mulheres foram presas ao longo da narrativa, tendo como objetivo recriá-la. Dos textos recebidos nesta etapa, selecionamos três para análise e reflexão que serão apresentadas a seguir.

Partindo das contribuições metodológicas e da ideia de Letramento Literário, proposto por Rildo Cosson (2018), consideramos as orientações de como foi a compreensão da leitura interpretativa do texto literário e a manifestação da (re)escrita imaginativa, criativa ou literária acerca da crônica. Passemos, então, à leitura e à análise de algumas (re)escritas, observando trechos produzidos pelos participantes da reprodução dos lugares da sala do Pavilhão dos Primários da crônica “Companheiras”, da escritora paraense Eneida de Moraes. Os trechos dos alunos estão aqui colocados tal como foram escritos.

Durante o inverno a sala era úmida, goteiras no teto, onde se passava ratos e outros insetos, algo incomodava. Cânticos, passeio ... Dias vivenciados pelos meus parentes, família e filhos, ao me afastarem dos meus familiares, pude sentir que não poderia mais revê-los, matar a saudade de dias passados; as saudades impressas aos olhos.

Assassinatos, desaparecidos, torturas?

Momentos, onde nada nos fará esquecer do que ocorreu conosco, mulheres presas acidentalmente pelo fato de lutar pelos seus direitos para um futuro agradável para seus entes queridos, mas isso ocorreu? Não, nós só fomos separados injustamente de nossos queridos familiares.

Fazia muito calor e havia sol... Apesar do momento está quente, acreditávamos que poderia expressar.

(Autora: Aluna do ensino médio profissionalizante).

A (re)escrita dos espaços que compuseram aquela sala da prisão no período da ditadura da Era Vargas permitiu que este sujeito leitor, por um trajeto de dentro para fora do texto, estimulasse uma reflexão que ampliasse os significados da leitura. Esse movimento do extensionista na reescrita do texto nos permite perceber que a escrita é uma atividade que se baseia na interação (KOCH & ELIAS, 2010, p.50) e supõe um leitor que reflete e se indigna: "Assassinatos, desaparecidos, tortura?". O aluno também garante a continuidade do tema e progressão do texto: balanceando informações novas "pude sentir que não poderia mais revê-los, matar a saudade dos dias passados." e informações já dadas "onde nada nos fará esquecer do que ocorreu conosco, mulheres presas". Objetivamos, assim, uma experiência de leitura literária que extrapolasse a compreensão de "o que o texto quer dizer", efetivando a interação leitor-texto-autor que pode ser observada na expressão de saberes e vivências da participante, desencadeados pela leitura e pela escrita.

No segundo texto, o aluno escolhe trechos que se comunicam com o texto original e, através deles, aponta

comparações entre o que leu e o que foi produzido. Ou melhor, relata fatos e acontecimentos que lhe falam, que lhe revelam, que lhe ajudam a dar sentido a sua escrita, pois “o leitor não consome passivamente um texto, ele se apropria dele, o interpreta, deturpa seu sentido, desliza sua fantasia, seu desejo, suas angústias entre as linhas e as mescla com as do autor” (PETIT, 2013, p. 27).

Companheiras

...Fria. Cada dia mais a angústia crescia não só dentro de mim, mas também crescia dentro de minhas companheiras. Mas também crescia a nossa esperança de um futuro melhor...

... Mas também ficávamos tristes em pensar a situação em que estávamos vivendo, de todas as barbaridades que havíamos vividos e de todos familiares, companheiros e amigos que tínhamos perdido nessa guerra.

... Muitas pessoas já esqueceram. Esqueceram de todos os sacrifícios, de todas pessoas que morreram para que hoje pudéssemos viver sem direito de repressão, para que as pessoas de hoje e no futuro tenho o direito de expressar suas opiniões e ideias sem medo de represálias...

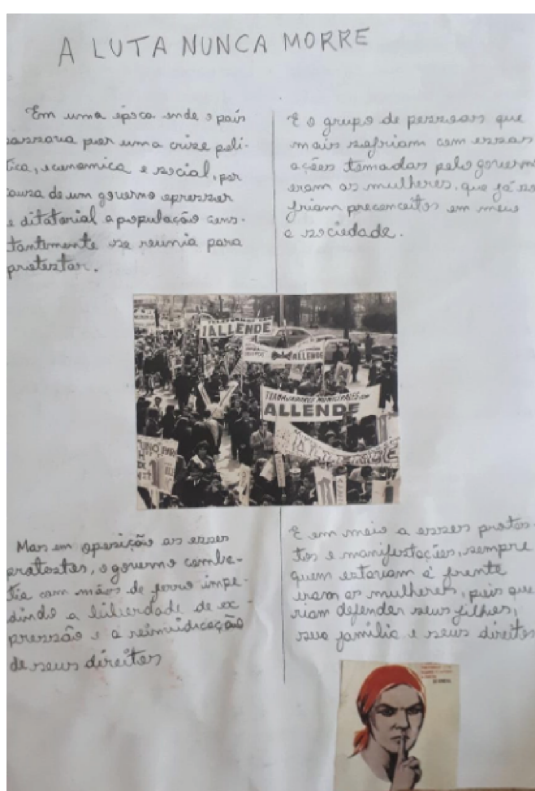
... Estávamos felizes, contentes por estarmos juntas, por poder viver um dia lindo de sol, por sentir o calor dos raios solares em nossos rostos.

(Autor: aluno do ensino médio profissionalizante).

O leitor-escritor (re)cria um texto que apresenta suas marcas estruturais como estética, metáforas, personagens, enredo, narrador, pois, ainda, segundo Petit (2013) “não se trata de confinar um leitor em uma cabana, mas sempre lhe lançar passarelas, ou melhor, lhe dar uma oportunidade de fabricar suas próprias passarelas, suas próprias metáforas” (PETIT, 2013, p.27). Do ponto de vista dos conhecimentos ativados pelo leitor para proceder a escrita, destacamos o linguístico - que supõe a ortografia, gramática e léxico da língua. Neste texto em análise, chama a nossa atenção o uso da pontuação para criar determinado efeito de sentido: o estudante inicia e termina os parágrafos com reticências

como se estivesse marcando o aspecto de lembranças e acentuando o tom reflexivo do texto.

Na segunda edição das oficinas, contamos com uma nova turma, na qual foi realizada a última etapa da sequência básica, utilizando-se recortes de revistas e folhetos para produção de um texto livre, a partir de imagens aleatórias, os fanzines. Nessas produções, percebemos que os exercícios de leitura e de escrita não se resumiram aos aspectos formais da narrativa e nem somente de natureza pragmática, mas nas possibilidades de novas experiências e construções de aprendizagem a partir da leitura e da escrita de textos literários, como pode ser observado na produção inserida na Figura 1, abaixo:



A LUTA NUNCA MORRE

Em uma época onde o país passava por uma crise política, econômica e social, por causa de um governo opressor e ditatorial a população constantemente se reunia para protestar.

Mas em oposição a esses protestos o governo combatia com mãos de ferro impedindo a liberdade de expressão e a reivindicação de seus direitos.

E o grupo de pessoas que mais sofriam com essas ações tomadas pelo governo eram as mulheres, que já sofriam preconceitos em meio a sociedade.

E em meio a esses protestos e manifestações, sempre quem estariam à frente eram as mulheres, pois queriam defender seus filhos, sua família e seus direitos.

(Autora: aluna do ensino médio profissionalizante)

Figura 1: Produção escrita de uma das oficinas.

Fonte: Arquivo do projeto, 2020.

Na mesma linha, vale a citação do um depoimento de uma das participantes, estudante do ensino médio profissionalizante no IFPA/Campus Marabá Industrial, de 15 anos, que afirmou que participar do projeto foi um “privilégio”:

Ter conseguido participar para mim foi muito gratificante, pois tive uma experiência maravilhosa. Todos os encontros aumentaram o meu conhecimento e o desejo pela leitura, foi uma forma de aprender a dialogar sobre uma história, imaginar como seria um final e ainda colocarmos em prática nossa imaginação e quem sabe até despertar um dom, porque hoje existe milhares de jovens talentos que estão ocultos e as oficinas foram a oportunidade de eles serem encontrados. (Aluna do ensino médio profissionalizante - 15 anos)

Ademais, é igualmente relevante a importância do projeto de extensão em articular as oficinas de leitura e discussão de contos e crônicas produzidos por escritoras brasileiras dos séculos XIX, XX e XXI à produção desses gêneros pelos participantes do projeto, esperando que estes percebessem, descrevessem, analisassem seus próprios lugares de fala, compreendessem suas histórias de vida e, até mesmo, questionassem sua condição social, econômica e política.

Considerações Finais

Neste artigo, apresentamos alguns dos resultados obtidos com a realização do projeto de extensão (Unifesspa-IFPA) “Exercícios de leitura e escrita a partir de conto e crônica de autoras brasileiras”, mais especificamente, discorreremos sobre a oficina em que foi trabalhada a crônica “Companheiras”, da escritora paraense Eneida de Moraes. As oficinas foram realizadas a partir de

textos de autoras brasileiras de diferentes épocas, tomando-se como norte teórico-metodológico o letramento literário, especialmente a sequência básica do letramento proposta por Rildo Cosson (2018). Como parte da sequência, propusemos como interpretação a (re)escrita de pequenos textos por parte dos extensionistas, os quais foram aqui analisados.

Acreditamos, que todos os textos criados/fabulados pelos participantes se configuram como possibilidade de desenvolverem sua leitura e sua escrita imaginativa, criativa ou literária, como a denomina Trauveron (2014), isto é, escritas que reagem aos textos apropriando-se deles, de sua linguagem. Escritas, enfim, de construção de sentidos para os textos e a partir dos textos. Tais escritas consistiram em variados graus de apreensão da leitura literária.

Dessa maneira, a elaboração de uma sequência básica de letramento literário se apresentou como uma possibilidade de efetivar o contato com a literatura, em especial literaturas escritas por mulheres, desses leitores e leitoras nas oficinas. Mais do que isso, a literatura proporcionou a aproximação com os outros pois, através dela, escuta-se este outro, analisa-se este outro e, acima de tudo, fala-se com este outro.

Referências

COSSON, RILDO. **LETRAMENTO LITERÁRIO: TEORIA E PRÁTICA**. SÃO PAULO: CONTEXTO, 2018.

COUTINHO, EDUARDO FARIA. **REFLEXÕES SOBRE UMA NOVA HISTORIOGRAFIA LITERÁRIA NA AMÉRICA LATINA.** DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.UFSC.BR/INDEX.PHP/DESTERRO](https://periodicos.ufsc.br/index.php/desterro). ACESSO EM: 15 JUN. 2015, p. 113-132.

DASCASTAGNÈ, REGINA. **LITERATURA BRASILEIRA CONTEMPORÂNEA: UM TERRITÓRIO CONTESTADO.** VINHEDO: EDITORA HORIZONTE, 2012.

GATTAI, ZÉLIA. **CHÃO DE MENINOS: MEMÓRIA.** SÃO PAULO: COMPANHIA DAS LETRAS, 2011.

KLEIMAN, ÂNGELA. MODELOS DE LETRAMENTO E AS PRÁTICAS DE ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA. *IN:* _____ (ORG.) **OS SIGNIFICADOS DO LETRAMENTO: UMA NOVA PERSPECTIVA SOBRE A PRÁTICA SOCIAL DA ESCRITA.** CAMPINAS: MERCADO DE LETRAS, 1995. PP. 15-64.

KLEIMAN, ÂNGELA. **TEXTO E LEITOR: ASPECTOS COGNITIVOS DA LEITURA.** CAMPINAS, SP: PONTES, 2010.

KOCH, INGEDORE VILLAÇA; ELIAS, VANDA MARIA. **LER E ESCREVER: ESTRATÉGIAS DE PRODUÇÃO TEXTUAL.** SÃO PAULO: CONTEXTO, 2010.

MORAES, ENEIDA DE. **ARUANDA: CRÔNICAS.** RIO DE JANEIRO: JOSÉ OLYMPIO, 1957.

MORAES, ENEIDA DE. **BANHO DE CHEIRO.** RIO DE JANEIRO: CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA, 1962.

MORAES, ENEIDA DE. SAUDEMOS O POETA. **DIÁRIO DE NOTÍCIAS: ENCONTRO MATINAL.** RIO DE JANEIRO, 05 JUN. 1966, p. 01.

MUZART, ZAHIDÉ LUPINNACCI. A ASCENSÃO DAS MULHERES NO ROMANCE. *IN:* **A ESCRITURA NO FEMININO: APROXIMAÇÕES.** FLORIANÓPOLIS: ED. MULHERES, 2011. p. 17-27.

PETIT, MICHÈLE. **LEITURAS: DO ESPAÇO ÍNTIMO AO ESPAÇO PÚBLICO.** TRAD. DE CELINA OLGA DE SOUZA. SÃO PAULO: EDITORA 34, 2013.

RIBEIRO, DJAMILA. **O QUE É LUGAR DE FALA?** BELO HORIZONTE: LETRAMENTO, 2017.

ROJO, ROXANE. **LETRAMENTOS MÚLTIPLOS, ESCOLA E INCLUSÃO SOCIAL.** SÃO PAULO: PARÁBOLA EDITORIAL, 2009.

STREET, BRIAN VINCENT. **LETRAMENTOS SOCIAIS: ABORDAGEM CRÍTICAS DO LETRAMENTO NO DESENVOLVIMENTO, NA ETNOGRAFIA E NA EDUCAÇÃO.** TRAD. MARCOS BAGNO. SÃO PAULO: PARÁBOLA EDITORIAL, 2014.

TAUVERON, CATHERINE. A ESCRITA "LITERÁRIA" DA NARRATIVA NA ESCOLA: CONDIÇÕES E OBSTÁCULOS. **REVISTA EDUCAR EM REVISTA (ONLINE)**. CURITIBA, BRASIL, N. 52, P. 85-101, ABR./JUN. 2014. EDITORA UFPR. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://REVISTAS.UFPR.BR/EDUCAR](https://revistas.ufpr.br/educar). ACESSO EM: 15 JAN. 2020.

TOLENTINO, LUANA. **OUTRA EDUCAÇÃO É POSSÍVEL: FEMINISMO, ANTIRRACISMO E INCLUSÃO EM SALA DE AULA**. BELO HORIZONTE: MAZZA EDIÇÕES, 2018.

ZAPPONE, MIRIAN HISAE YAEGASHI; YAMAKAWA, IBRAHIM ALISSON. LETRAMENTO DOMINANTE X VERNACULAR E SUAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DA LITERATURA. **REVISTA MUITAS VOZES**, PONTA GROSSA, V. 2, N. 2, P. 185-198, 2013.

ZAPPONE, MIRIAN HISAE YAEGASHI. MODELOS DE LETRAMENTO LITERÁRIO E ENSINO DA LITERATURA: PROBLEMAS E PERSPECTIVAS. **REVISTA TEORIA E PRÁTICA DA EDUCAÇÃO**, V.11, N.1, P. 49-60, JAN./ABR. 2008.